

Corpos latinos: espaços biográficos que es/barram na/da fronteira epistêmica da exterioridade

Cuerpos latinos: espacios biográficos que se abren en / desde la frontera epistémica de la exterioridad

Marina Maura de Oliveira Noronha¹

Edgar César Nolasco²

Resumo

Pensar em corpo, a partir de corpo epistêmico fronteiriço, justifica-se refletir acerca uma epistemologia *outra* descolonial, diferente dos discursos hegemônicos coloniais/modernos, os quais geram cultura e conhecimentos das suas diferenças coloniais. Assim, a proposta basilar deste trabalho, o qual dá-se atravessado pela crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2013), recai na importância de discutir a condição de “corpos” da fronteira-sul com suas práticas epistêmicas culturais, levando-se em conta, sobretudo, uma visada traçada pela Epistemologia do Sul (SANTOS, 2009), cujos saberes partem de um lócus geohistórico, no que se refere ao lócus de onde penso e erijo meu discurso crítico latino. Neste caso, o corpo epistêmico fronteiriço, tomado como uma opção descolonial, es/barra nos projetos e nas epistemologias coloniais/modernas arraigadas nos espaços fronteiriços. Para tanto, enuncio meu discurso teórico a pensar do corpo da exterioridade, demonstrando minha desobediência epistêmica de *ser*, pensar e re-existir com meu discurso cultural, social, político e teórico na/da fronteira de Mato Grosso do Sul. Acerca disso, por meio de histórias locais e não globais contempladas pela *sapiência* moderna, objetiva-se, uma epistemologia *outra* da fronteira-sul que encampe as particularidades de sujeitos com seus fazeres/saberes específicos, assim como o meu/nossos “corpos” situados de *onde se pensa*, e que, por conseguinte, re-existem no âmbito da latinidade fronteiriça. Nesse ponto, trato com os teóricos/críticos, tais como: Gloria Anzaldúa (2007), Walter Mignolo (2017), Edgar Nolasco (2013), Bessa-Oliveira (2020), Ramón Grosfoguel (2009), Aníbal Quijano (2009), Zulma Palermo (2010) e outros que dialogam com a epistemologia contemplada.

Palavras-Chave: Corpo epistêmico fronteiriço; Desobediência epistêmica; Exterioridade; Crítica biográfica fronteiriça.

Resumen

Pensando en el cuerpo, desde un cuerpo epistémico de frontera, se justifica reflexionar sobre una epistemología distinta a la decolonial, diferente a los discursos hegemónicos colonial / moderno, que generan cultura y conocimiento de sus diferencias coloniales. Así, la propuesta básica de este trabajo, atravesada por la crítica biográfica de frontera (NOLASCO, 2013), recae en la importancia de discutir la condición de los “cuerpos” de la frontera sur con sus prácticas culturales epistémicas, teniendo en cuenta sobre todo, una mirada trazada por Epistemología del Sur (SANTOS, 2009), cuyo conocimiento proviene de un locus geohistórico, en relación al locus desde el que pienso y levanto mi discurso crítico latino. En este caso, el cuerpo epistémico fronterizo, tomado como una opción descolonial, está vedado en proyectos y epistemologías coloniales / modernas arraigadas en

¹ Mestranda em Estudos de Linguagens; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; marina.m.noronha@gmail.com.

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação nível Mestrado e Doutorado; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br.

espacios fronterizos. Para ello, enuncio mi discurso teórico para pensar el cuerpo de la exterioridad, demostrando mi desobediencia epistémica del ser, pensar y re-existir con mi discurso cultural, social, político y teórico en / desde la frontera de Mato Grosso do Sul. a través de historias locales y no globales contempladas por la sabiduría moderna, apunta, una epistemología diferente a la frontera sur que cubre las particularidades de los sujetos con sus hechos / conocimientos específicos, así como mis / nuestros “cuerpos” ubicados desde donde se piensa. , y que, por tanto, reexisten en el marco de la latinidad fronteriza. En este punto, dialogo con teóricos / críticos, como: Gloria Anzaldúa (2007), Walter Mignolo (2017), Edgar Nolasco (2013), Bessa-Oliveira (2020), Ramón Grosfoguel (2009), Aníbal Quijano (2009), Zulma Palermo (2010) y otros que dialogan con la epistemología contemplada.

Palabras clave: Cuerpo epistémico fronterizo; Desobediencia epistémica; Exterioridad; Crítica biográfica fronteriza.

1. Meu corpo contém ar: da fronteira-sul

O essencial aqui é o locus da enunciação, ou seja, o lugar geopolítico e corpo-político do sujeito que fala. Na filosofia e nas ciências ocidentais, aquele que fala está sempre escondido, oculto, apagado da análise. A ‘egopolítica do conhecimento’ da filosofia ocidental sempre privilegiou o mito de um ‘Ego’ não situado (GROSFOGUEL, 2009, p. 386).

O corpo torna-se uma arena política, uma extensão dos conflitos que perturbam a sociedade. O corpo intruso torna-se numa extensão da estranheza da agressão, inicialmente personificada pelos colonialistas europeus e, mais tarde, num contexto pós-colonial, pelas intervenções económicas e políticas estrangeiras (MENESES, 2009, p. 199).

A fronteira [...] é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo roça o primeiro e sangra. E antes que a crosta se forme, a hemorragia volta, a força vital de dois mundos que se fundem para formar um terceiro país, uma cultura de fronteira (ANZALDÚA, 2007, p. 42).

Pensar em fronteira recai na ideia primeira de espaço geográfico e viver em estado de fronteira como o meu corpo que habita na/da fronteiridade de Mato Grosso do Sul: um espaço cultural, social, político e de saberes específicos, que não foi contemplado aos moldes defendidos pelo projeto ocidental/moderno Europeu. Portanto, o corpo nesta escrita será o meu Sul, guiado pela minha bússola-corpórea que se ampara na crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2013) assim busco aferir reflexões com meu corpo da exterioridade situado na/da fronteira-sul como forma de es/barrar nos projetos de circulação da cultura, da política e do conhecimento postas pelas produções pensadas da interioridade moderna; tais projetos são operantes e declarados como espaços geográficos priorizados e edificados (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 103) pelo seus contextos hegemônicos que impedem o transitar de corpos *outros* que se situam na sua diferença colonial.

De modo não só geográfico, mas também epistêmico que a fronteira-sul deve ser entendida neste trabalho, assim, a discussão se dá com o trajeto da Epistemologia do Sul (BOAVENTURA, 2009) como um campo de desafios epistêmicos (SANTOS; MENESES, 2009, p. 12). Compreende-se com Boaventura que as epistemologias do Sul são um convite a um amplo reconhecimento das experiências de conhecimentos do mundo. Esta concepção do Sul que se sobrepõe em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo (SANTOS; MENESES, 2009, p. 12); mas aqui quero pensar com os espaços da latinidade, sendo lugares que foram submetidos à colonialidade europeia, espaços de opressão e de exclusão, o qual, procuro edificar discussões com essas “fronteiras” que ainda barram, cercam, limitam com barricada e trincheira nossos corpos da exterioridade. De acordo com o intelectual Mignolo:

O pensamento desde a borda é a epistemologia da exterioridade, isto é, do exterior criado a partir de dentro e, como tal, é sempre um projeto colonial. Imigração a lugares recentes no império da Europa e dos Estados Unidos - cruzando as diferenças colonial e imperial - contribuem para manter as condições de pensamento de borda que surgiu desde o início da expansão imperial moderna. (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009, p. 02).

Entretanto, meu corpo contém ar daqui da fronteira seca de Mato Grosso do Sul; dessa forma, acaba por contrapor a ideia de fronteira pensada de modo análogo, arcaico pelos discursos formais que encampam a colonialidade moderna (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 103); logo, pensando em contextos da latinidade, concerne na emergência de epistemologias com o pensamento que deve centrar-se na valorização da diversidade dos saberes para que a intencionalidade e a inteligibilidade das práticas sociais sejam a mais ampla e democrática (SANTOS; MENESES, 2009, p. 18). Abre-se, assim, o que busco contrastar uma passagem entre barra/fronteira para romper as barreiras que de-limitam nossos corpos/lugares em situação de fronteira com a livre circulação do meu/nossos corpos afetados pelas fronteiras hegemônicas da diferença colonial, por quem detêm o poder, Grosfoguel abre espaço para o pensamento fronteiriço:

É a partir da geopolítica do conhecimento desta relativa exterioridade, ou margens, que emerge o “pensamento crítico de fronteira” como uma crítica da modernidade, com vista a um mundo transmoderno pluriversal (Mignolo, 2000) de múltiplos e diversos projectos ético-políticos em que poderia existir um diálogo e uma comunicação verdadeiramente horizontais entre todos os povos do mundo. No entanto, para concretizar este projecto utópico é essencial transformar os sistemas de dominação e de exploração da actual matriz de poder colonial do sistema-mundo patriarcal/capitalista colonial/moderno (GROSFOGUEL, 2009, p. 409).

Por conseguinte, a fim de contemplar o que o intelectual Grosfoguel com seu olhar socializador me direciona a pensarmo-nos por um *pensamento crítico de fronteira*, uma alternativa possível de *um diálogo e uma comunicação verdadeiramente horizontais entre os povos do mundo*. Tais reflexões corroboram com: a forma de barrar o poder colonial imperante do sistema-mapa-mundo sendo dessa perspectiva, como propus aqui, a crítica biográfica fronteiriça igualmente me possibilita a pensarmo-nos a partir do meu corpo epistêmico fronteiriço³ de um lócus geostórico, no que se refere ao lócus de onde penso e erijo meu discurso crítico latino e demonstro minha desobediência epistêmica (MIGNOLO) de *ser*, pensar e re-existir com meu discurso cultural, social, político e teórico na/da fronteira de Mato Grosso do Sul.

Neste caso, sob a iminência de pensarmo-nos como corpos-fronteira da latinidade, com minhas/nossas práticas culturais específicas que se dão a partir de projetos locais da exterioridade *ético-político*, logo, o meu/nossos corpos aqui encenam na/da fronteira-sul lugar em situação de supressão por barra/separação colonial/moderna, mas que também se es/barra

³ A ideia de corpo epistêmico fronteiriço está assentada na formulação de espaços ocupados por corpos não reconhecidos e que não “existem” para o pensamento ocidental moderno que estabeleceu um modelo de corpo cientificista a ser per(seguido) que se pensa hegemonicamente, por isso existe!

nesse projeto como forma de aproximação e separação, no mesmo momento contrariando o que nos foram impostos. A ideia é não incorrer a erros para a manutenção dos discursos binários e universalizantes contemplados pela *sapiência* moderna:

Eis que se torna importante distinguir ‘lugar epistêmico’ e ‘lugar social’. O facto de alguém se situar socialmente no lado oprimido das relações de poder não significa automaticamente que pense epistemicamente a partir de um lugar epistêmico subalterno. Justamente, o êxito do sistema-mudo colonial/moderno reside em levar os sujeitos socialmente como aqueles que se encontram em posições dominantes (Grosfoguel, 2009, 387).

Assim, os corpos que se *roçam* entre si cotidianamente nas/das fronteiras desse sistema-mapa-mundo são múltiplos. Mas o que evidencio nesta reflexão é que a fronteira está no espaço da exterioridade pensada por uma razão subalterna; portanto, a teórica Anzaldúa traz a noção de fronteira no delongar de toda obra *Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza: es una herida abierta* onde o Terceiro Mundo se *roça* contra o Primeiro e sangra (ANZALDÚA, 2007, p. 42), alicerçada a está noção de fronteira, entende-se o que propus pensar entre espaços de aproximações e separações de corpos/lugares que partem das diferenças culturais e coloniais, mas que também se es/barram entre corpos com as fronteiras da interioridade europeia e/ou estadunidense, um espaço que de-marca limites aos corpos que correm por fora dos discursos universalizantes e que, por conseguinte, como forma de controle e dominação esses ainda de modo perverso, abrem valas em nossos corpos deixando uma ferida em aberto como sinal da diferença colonial e que ainda sangra dos meu/nossos corpos latinos ao *roçar* nossos corpos entre essas partes na fronteira.

Quero dizer, neste sentido, que é emergencial uma consciência *outra* como a que estou pensando da latinidade da fronteira-sul um local de onde re-existimos (Terceiro Mundo), por certo, é preciso uma epistemologia do Sul, que vem das bordas, da margem da fronteiridade como forma de aproximação, mas para romper com a fronteira do instituído. Falar das bordas significa reescrever as fronteiras geográficas, as subjetividades imperiais/coloniais e epistemologias territoriais (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009, p. 12-13). Portanto, minha posição contrária às fronteiras modernas está na intenção de barrar esses discursos imperantes academicistas, disciplinares, duais e modernos, que cercam nossos corpos e nos classificam como viajantes corpos da fronteira marginalizados e inconvenientes e que não produzem conhecimentos, que culminantemente proporcionam saberes (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 264) mas não conhecimentos como o reconhecido pela ciência das humanidades. Para Mignolo e Tlostanova, os saberes de lugares *outros* como:

A teoria do pensamento a partir da borda surgiu como resposta a violência (fronteiras) da epistemologia imperial/territorial e da retórica da modernidade (e globalização) da salvação que continua a ser implementada hoje porque a inferioridade do Outro ou suas más intenções são assumidas e, portanto, continua a justificar a opressão, exploração e destruição da diferença (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009, p. 02).

Acerca disso, é por meio de produções e histórias locais e não globais contempladas pela *sapiência* moderna com a “verdade absoluta” que objetiva-se uma epistemologia *outra*, um *pensamento crítico de fronteira*, sendo a resposta epistêmica do subalterno ao projeto eurocêntrico da modernidade (GROSFOGUEL, 2009, 407). Locais das bordas se redefinem como bem diz o teórico Grosfoguel, é um espaço em que fomos afetados e produzidos pela modernidade européia, mas nunca totalmente subsumidos ou instrumentalizados

(GROSFOGUEL, 2009, p. 409). Dessa ótica, com meu/nossos corpos/lugares situados na/da fronteira-sul e com nossas produções culturais, sociais, políticas e conhecimentos de exterioridade - mulher, indígena, negro, gays, pobres, latinos e outros corpos que constituem de fato a exterioridade tomam como opção descolonial o prezar pelas vidas. Nesta direção, re-existimos com as particularidades de sujeitos com seus fazeres/saberes específicos e com a consciência fronteiriça engastada no meu/nossos “corpos”, situamo-nos de *onde se pensa*, portanto, meu corpo contém ar daqui da fronteira-sul no âmbito da latinidade.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. BIOGEOGRAFIAS ARTÍSTICAS COMO EXTERIORIDADE DOS FAZERES – Corpos latinos fronteiriços. 2018. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/issue/view/536>. Acesso em: 11 ago. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. A arte como espaço e FronteirAção – aproximação e separação dos múltiplos atravessamentos contemporâneos. In: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v.8, n. 2, jul/dez. 2019.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (org.) *Epistemologias do Sul*, 2009.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Trad. De Ângela Lopes Norte. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê Literatura, língua e identidade*, n.34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter; TLOSTANOVA, Madina. *Habitar los dos lados de la frontera/teorizar en el cuerpo de esa experiencia*. In: *Revista IXCHEL*. Volúmen I, San José, Costa Rica, 2009, p. 1-22. Disponível em: http://www.revistaixchel.org/attachments/047_Habitar%20los%20dos%20lados%20art_%20Walter%20Mignolo.doc%29.pdf – Acesso em: 30 de maio de 2013.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. Trad. de Marcos de Jesus Oliveira. In: *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), p. 12-32, 2017.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MENESES, Maria Paula. SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-27.

MENESES, Maria Paula. Corpos de violência, Linguagens de Resistência: as complexas teias de conhecimentos no Moçambique contemporâneo. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 177-214.

NOLASCO, Edgar César. Descolonizando a pesquisa acadêmica. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Editora UBU, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. S. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.